

## **Escassez de crédito pode ser um dos motivos para a lenta recuperação**

Setor privado parece não conseguir preencher a lacuna no mercado de crédito após a diminuição da participação do setor público.

## **Atividade industrial gaúcha caiu pelo terceiro mês seguido em novembro**

Os Indicadores Industriais do RS mostram o setor ainda dominado pela enorme incerteza eleitoral.

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

# Escassez de crédito pode ser um dos motivos para a lenta recuperação

Setor privado parece não conseguir preencher a lacuna no mercado de crédito após a diminuição da participação do setor público.

Historicamente, o Brasil sai das suas crises econômicas crescendo de maneira acelerada. Analisando mais de um século de estatísticas, nos cinco períodos em que o PIB caiu por dois anos consecutivos, a economia cresceu nos três anos subsequentes em média 5,8% a.a. Na crise atual, o crescimento será de 1,6%, dada a expectativa de avanço de 2,5% em 2019.

Vários fatores contribuem para a lenta retomada. Primeiramente, a crise ocorreu por fatores internos, não externos, como foram as principais crises anteriores. A necessidade de fazer um ajuste fiscal e monetário durante a recessão aprofundou a queda. Existem também elementos estruturais, como a baixa produtividade e a demografia desfavorável.

Porém, gostaríamos de chamar a atenção para outro fator: a menor disponibilidade de crédito, em que pese a queda na Taxa Selic. Acreditamos que o Brasil está encaminhando uma mudança de modelo que busca um comedimento da participação do governo na economia e, principalmente no mercado de crédito. A nossa hipótese é que isso ocorre um pouco por convicção e um pouco por falta de alternativas, tendo em vista a crise fiscal.

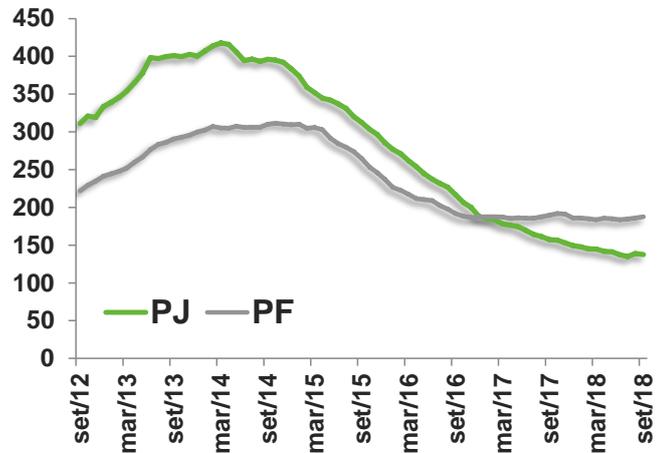
Destacamos que muitos dos movimentos do Governo Temer e das intenções do governo Bolsonaro vão em direção do “menos Brasília, mais Brasil”. A reforma do teto do gasto, a modernização trabalhista, a retomada de projetos de privatizações e concessões tem o objetivo de promover uma economia mais liberal/pró-mercado.

Nesse processo de transição, diferentemente do verificado em outros períodos, a retomada da economia sofre pela falta de estímulos fiscais e parafiscais, através da cessação dos aportes do Tesouro aos bancos oficiais.

O primeiro gráfico da coluna ao lado mostra a concessão de crédito com recursos direcionados, aqueles em que há a maior *funding* de recursos públicos. Embora a série de dados seja curta, pode-se observar que o patamar de concessões para Pessoas Jurídicas (PJ) caiu acentuadamente, inclusive abaixo das concessões para PF. Grande parte desse decorre da menor atuação do BNDES, como mostrado no segundo gráfico.

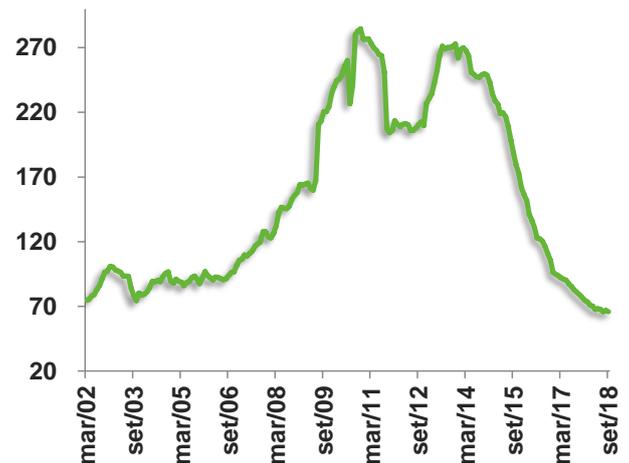
Não nos cabe aqui fazer uma defesa ou atacar o BNDES. O mecanismo utilizado para a capitalização do Banco no período do Governo Dilma é um dos principais responsáveis pela explosão da dívida bruta brasileira e pelo caos fiscal que vivemos atualmente. O modelo era insustentável. Entretanto, como mostra o terceiro gráfico, as concessões com recursos livres, aqueles em que o setor privado atua mais fortemente, não conseguem suprir a lacuna deixada pela retração de BNDES, CAIXA e BB. Por isso, acreditamos que o Governo deve focar esforços para destravar a atuação do setor privado nesse mercado e elevar a oferta de crédito. Sem linhas de financiamento disponíveis a custos compatíveis com o atual nível da Taxa Selic, a retomada seguirá lenta.

**Concessões de crédito com recursos direcionados**  
(Acum.12 meses | Em R\$ bilhões deflacionado IPCA)



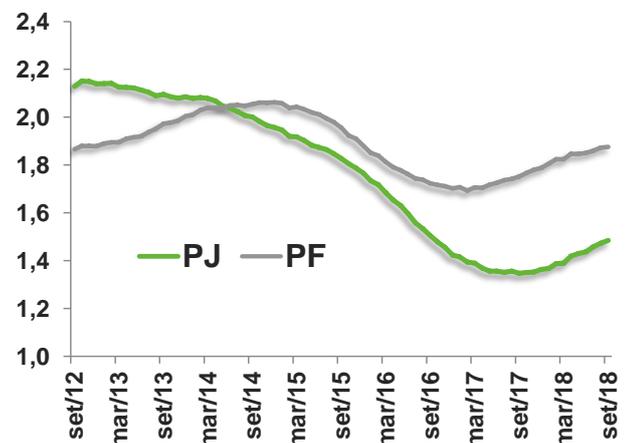
Fonte: Banco Central do Brasil.

**Desembolsos do Sistema BNDES**  
(Acum.12 meses | Em R\$ bilhões deflacionado IPCA)



Fonte: Banco Central do Brasil.

**Concessões de crédito com recursos livres**  
(Acum.12 meses | Em R\$ trilhões deflacionado IPCA)



Fonte: Banco Central do Brasil.

## Atividade industrial gaúcha caiu pelo terceiro mês seguido em novembro

Os Indicadores Industriais do RS mostram o setor ainda dominado pela enorme incerteza eleitoral.

Segundo a Pesquisa Indicadores Industriais do RS, divulgada pela FIERGS, a atividade do setor no estado vem desacelerando nos últimos meses. Em novembro, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) caiu 0,9% ante o mês anterior, depois de recuar em outubro (-0,2%) e setembro (-0,1%), com ajuste sazonal.

O IDI/RS, um termômetro da atividade industrial gaúcha, é obtido através dos indicadores de faturamento real, compras industriais, emprego, massa salarial real, horas trabalhadas na produção e utilização da capacidade instalada (UCI), pesquisados junto às empresas.

Nesse sentido, o desempenho negativo da atividade em novembro refletiu a queda de cinco deles, em especial, do faturamento real (-2,6%) e das compras industriais (-3,5%). A UCI (-1,0 p.p.), que ficou em 81,3% no mês, a massa salarial real (-1,1%) e o emprego (-0,2%) também recuaram, enquanto as horas trabalhadas na produção cresceram 1,0% ante outubro.

Ante 2017, contudo, os resultados seguiram positivos. Em relação a novembro, o avanço do IDI/RS foi de 2,1%, o menor dos últimos seis meses, acumulando alta de 2,8% nos onze meses do ano. Nesta métrica, o crescimento das compras industriais (+10,8%) e do faturamento real (+3,5%) da indústria gaúcha se destacam. Com menor ritmo, a UCI (+1,6 p.p.) e o emprego (+0,9%) seguiram a tendência positiva, que não foi acompanhada pelas horas trabalhadas na produção (-0,1%) e pela massa salarial real (-2,6%).

Setorialmente, a expansão anual da atividade atingiu 10 das 17 setores pesquisados. O grande destaque positivo segue sendo Veículos automotores (+18,3%), que foi responsável por quase 70,0% do crescimento do IDI/RS. Outras contribuições importantes vieram de Produtos de metal (+3,1%) e Metalurgia (+14,1%), Borracha e plásticos (+3,4%) e Máquinas e equipamentos (+2,5%). Em sentido contrário, as atividades de Bebidas (-1,8%), Têxteis (-8,7%) e Vestuário e acessórios (-6,2%) trouxeram os maiores impactos negativos.

Os Indicadores Industriais do RS de novembro mostram o setor ainda dominado pela enorme incerteza eleitoral e sob os efeitos das crises dos transportes e da economia argentina.

Apesar disso, a perspectiva de retomada para os próximos meses segue mantida, na esteira do desempenho projetado para a economia brasileira, baseado num ambiente mais favorável para a demanda doméstica: quadro político definido, juros, inflação e endividamento menores, estoques ajustados e confiança empresarial elevada.

Porém, vale lembrar: para que a retomada passe de perspectiva para efetiva é necessário o enfrentamento da crise fiscal, com avanço nas reformas, sobretudo a da Previdência. Caso isso não ocorra, a economia brasileira poderá entrar em nova fase de turbulências, com impactos negativos para a indústria gaúcha.

### Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

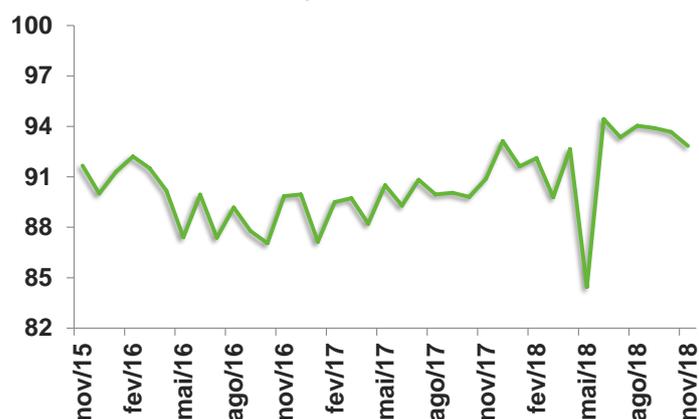
(Variações em % – novembro de 2018)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-0,9	2,1	2,8
Faturamento real	-2,6	-0,9	3,5
Horas Trabalhadas na produção	1,0	1,3	-0,1
Emprego	-0,2	0,5	0,9
Massa salarial real	-1,1	-3,1	-2,6
UCI (em p.p.)	-1,0	1,4	1,6
Compras Industriais	-3,5	11,7	10,8

\* Dessazonalizado

### Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS

(Índice de base fixa mensal – Média 2006=100 – Com ajuste sazonal)



### Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-nov 2018/jan-nov 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.